

APRESENTAÇÃO

Inspirado pela teoria do Materialismo Dialéctico, divulgada nos meios políticos e intelectuais portugueses nos anos 30 e princípios dos anos 40 do século passado, o Neo-Realismo é a designação de um amplo movimento cuja expressão se afirma nos campos cultural, literário e artístico, não sendo também nada negligenciáveis as expressões filosófica e científica, entendida esta última na acepção dos domínios afectos às Ciências da Natureza e Matemática, de uma parte dos seus participantes ou companheiros de geração. Parece corroborar este último ponto, ou a influência do Neo-Realismo nos meios científicos, a defesa da ideia, feita por alguns autores, de «uma interpretação cientista do marxismo» adoptada pelos intelectuais marxistas portugueses envolvidos nesse movimento. Assim, a acompanhar o activismo literário-artístico neo-realista, afirmavam-se também os seus *compagnons de route* que militavam de uma forma mais actuante nos domínios da Filosofia, da Matemática e das Ciências da Natureza, não se poupando a esforços de, na imprensa afecta ao movimento, defender e desenvolver a popularização de temas científicos bem como o relevo e alcance da prática da investigação científica (e.g. *O Diabo*, *Sol Nascente*, *Síntese* e *Vértice*). Quase todos participavam, a bordo da fragata “Liberdade”, nos passeios culturais no Tejo. E também uma boa parte deles também fizera parte do grupo de “amigos” do jornal *Liberdade* que, em meados da década de trinta, tentara salvar este jornal estudantil que se afirmava como radical e pertencendo à esquerda republicana.

Não foi por acaso que a célebre colecção de livros orientados para a divulgação cultural, e que dava pelo nome de “Biblioteca Cosmos”, nos seus 109 títulos publicados, a maioria deles visava temas científicos e técnicos, propondo-se a uma vulgarização científica de qualidade e dirigida aos sectores populares. O lançamento desta “biblioteca” era uma iniciativa claramente dirigida por uma figura cimeira, e bastante respeitada, da intelectualidade marxista, Bento de Jesus Caraça. Alguns dos jovens investigadores na área das Ciências da Natureza e da Matemática, regressados do estrangeiro onde fizeram prolongados estágios científicos – destaque-se o papel da Junta de Educação Nacional (JEN), de 1929 a 1936, e posteriormente do Instituto para a Alta Cultura (IAC), no apoio às bolsas de estudo no estrangeiro –, vão ser importantes renovadores da investigação científica das universidades portuguesas (inclui-se aqui a edição de revistas científicas especializadas), ligando esta prática à difusão da cultura científica e a uma marcada intervenção cívica. Este movimento dos bolseiros vai ser importante na permeabili-

zação do meio intelectual português – bastante vigiado, isolado e pouco visitado – à circulação das novas ideias que se manifestavam livremente na Europa. Uma permeabilização que conduzirá a alguma renovação científica levada à prática por alguns destes jovens investigadores, começando a despontar resultados na pesquisa bastante animadores.

A atitude destes jovens traduz-se, em alguns deles, por um claro espírito de missão em que a investigação corresponde a uma necessidade cultural que molda o seu modo de vida, «[...] ser investigador é um dever de todo o cidadão consciente das suas responsabilidades perante a sociedade, porque ser investigador é adoptar uma atitude crítica, perante a vida e o conhecimento, para chegar a novas conclusões». E onde também transparece uma atitude de divulgação forte ou de um proselitismo activo em prol de aderentes à atitude científica, é o que se exprime em «[...] pensou-se há algum tempo em publicar um jornal que teria por título *Movimento Matemático* – destinado a lançar uma campanha para uma reforma dos estudos matemáticos em Portugal e a fazer a propaganda das principais correntes do movimento matemático moderno[...].». Pela clareza dos seus propósitos, pela vontade em alterar a situação de atraso, pela sua militância por uma cultura científica, os bolseiros, pelo menos alguns deles, vão assumir uma participação activa no movimento de resistência cultural e cívica que grassava no país no final dos anos trinta e durante o período da 2.^a Guerra mundial. E deste movimento fez parte o acolhimento, embora passageiro, mas activo e solidário, a cientistas e homens de cultura que, fugindo da horda nazi, estavam em trânsito para o Novo Mundo, mas cuja passagem deixou uma importante pegada em solo nacional, responsável pelo alargamento de horizontes do meio científico-cultural português.

É o tratamento histórico-filosófico destes cruzamentos – o Neo-Realismo e a imprensa difusora do seu ideário, a comunidade de jovens bolseiros empenhado na renovação científica do país, as afinidades filosófico-culturais destes dois grupos, as intervenções em prol da cultura científica, o contexto político ideológico entre guerras e pós segunda guerra mundial, com um ênfase especial para a resistência às ditaduras na Europa e, particularmente, em Portugal – que se pretende expor e exemplificar nos vários textos que preenchem as páginas seguintes e divididos em quatro secções.

Uma primeira secção que abre com um estudo sobre o entendimento da construção do conhecimento científico, temas a que as revistas de feição neo-realista vão dar alguma atenção, “A Filosofia da Ciência em Portugal: as manifestações em torno do Marxismo nas décadas de trinta e quarenta”, com um ênfase especial num dos principais cultores da Filosofia da Ciência dentro do grupo neo-realista, “Evocando Egídio Namorado – Nota Bio-Bibliográfica”. O conhecimento das matérias ligadas aos avanços das Ciências da Natureza, Matemáticas e suas aplicações técnicas é evidenciado no texto “ ‘Biblioteca Cosmos’. Política e cultura”, acabando por sublinhar a importância de “O movimento de bolseiros portugueses no estrangeiro no período

entre guerras e a investigação científica em Portugal”, factor determinante para a penetração do meio científico e cultural português pelas novas ideias.

Uma segunda secção onde avultam os nomes de alguns neo-realistas e seus *compagnons de route*, onde ambos, pelos seus trabalhos e formação, se destacaram na conjugação da cultura científica, intervenção cultural e prática artística, apresentando-se os seguintes casos: “Abel Salazar: A Ciência, a Arte e a Intervenção Cívica”, “Bento de Jesus Caraça e o seu contributo para a Matemática”, “Joaquim Namorado – Imaginação e Rigor – Matemática e poesia: uma relação dialógica”, “Luís de Albuquerque: história da ciência e intervenção cívica na revista *Vértice*”, “A pena e o estetoscópio de Fernando Namora: dos sintomas do doente às leis da doença” e “Poesia e Ciência em António Gedeão”.

Na terceira secção olha-se para o contexto social e político do país, tentando perceber as linhas de força da intervenção política e cívica nos primeiros três lustros do Estado Novo, “Os futuros cientistas e o seu comprometimento cívico: alguns episódios ilustrativos da resistência ao Estado Novo”, dando uma particular atenção ao convívio cultural resistente que se estabeleceu no “Liberdade” e que se descreve em “Os matemáticos nos Passeios no Tejo”. É também neste grupo de artigos que se evoca a memória de algumas das figuras que mais se evidenciaram na afirmação da Cultura Científica e dignificação da investigação: “Ruy Luís Gomes”, “In memoriam Arnaldo Peres de Carvalho”, “António Aniceto Monteiro”, “Virgílio Barroso, Matemático (1919-1963) – Ensaio Biográfico”, “Mário Ruivo”. E a fechar esta secção relembra-se a primeira expulsão de professores universitários perpetrada pelo Estado Novo, “Um ciclo de conferências sobre a Junta de Educação Nacional e os seus prováveis efeitos premonitórios na aplicação do Decreto-Lei 25317”.

Na quarta e última secção estão os artigos que se debruçam sobre aspectos internacionais. Se o primeiro destes textos relata a experiência de um cientista, um físico que, em fuga da barbárie nazi, passou por Portugal onde deixou obra, e viveu, “A aventura russa de Guido Beck: A introdução da Física Teórica moderna na Universidade de Odessa entre os anos de 1935 a 1937”, o segundo é o relato da acção militante de resistência de “Três militantes comunistas franceses dos anos trinta: Jacques Solomon, Georges Politzer, Jacques Decour”, enquanto o último artigo relembra um matemático alemão, resistente, perseguido e forçado ao exílio, “Emil Julius Gumbel (1891 – 1966)”.

E, *last but not least*, um agradecimento a todos os autores e demais participantes neste Caderno *Nova Síntese* pela disponibilidade manifestada em, respondendo aos pedidos dos editores e aos prazos impostos, apresentarem a sua colaboração.